

A celebração da morte no imaginário popular mexicano

*A celebration of death in the popular imaginary
Mexican*

Rafael Lopez Villasenor
Maria Helena Villas Bôas Concone



Uma das árvores no traço de Maria Helena Villas Bôas Concone, das dezenas que ela vai rabiscando junto a nós – como pássaros semeando vida...

RESUMO: O texto que apresentamos é um breve ensaio sobre o dia dos mortos no México. Esta data é vivida com muita alegria, muitas flores, comida, e caveiras sorridentes de açúcar; a morte é ridicularizada e celebrada com músicas, bebidas alcoólicas e rezas. Partimos do princípio de que a celebração do dia dos mortos

representa, no imaginário popular, a ideia de que os mortos não morreram totalmente, apenas passaram para outro lado da vida. A festa marca o calendário festivo da cultura popular do México, celebrada de maneira especial e única. Mistura muito bem o sagrado e o profano, o medo e a ironia, através do sincretismo religioso. Diante da morte que concerne a todos, a cultura mexicana, festeja e se diverte de forma irônica, misturando o sagrado e o profano, criando um sincretismo religioso que mistura tradições religiosas cristãs e indígenas.

Palavras-chave: Dia dos mortos; Morte; Ironia; Caveira; Imaginário popular; Festa.

***ABSTRACT:** The text is a short rehearsal of that the day of the dead in Mexico. This date is experienced with joy, many flowers, food, and grinning skulls sugar; ridiculed and celebrated with songs, prayers and alcoholic beverages. We assume the celebration of Day of the Dead has the idea in the popular imagination, that the deads do not die completely, just went to another side of life. The festival marks the festival calendar of popular culture in Mexico, celebrated in a way so special and unique. Mix well the sacred and the profane, fear and irony, through the religious syncretism.*

Keywords: Day of the Dead; Death; Irony; Skull; Popular Imagination; Party.

Introdução

Este pequeno ensaio analisa de maneira breve a celebração do dia dos mortos no imaginário popular da cultura mexicana. A morte é um evento marcante para todo o ser humano, mas no México esta realidade é vivida de maneira original. A origem do dia dos mortos tem raízes nas culturas indígenas pré-hispânicas centro-americanas. A maneira própria da representação da morte, durante a festividade, acontece com humor, afabilidade e, até com certa ironia, manifestos tanto nas gravuras, como nas músicas, nas caveiras de açúcar com os nomes de pessoas. No dia dos mortos a cultura popular mexicana festeja, se diverte e brinca de forma irônica com a morte, misturando o sagrado e o profano, criando um sincretismo religioso que mistura tradições religiosas do catolicismo e dos povos indígenas.

Todas as pessoas vivem o sentimento de homenagem aos mortos, mesmo que grande parte da população não tenha conhecimento sobre as origens da celebração do

dia dos mortos; mesmo assim, passou a ser uma das festas mais tradicionais e populares de México.

As origens da festa do dia dos mortos

As diferentes sociedades e culturas do mundo têm distintas maneiras específicas de lidar com a morte. No México, onde a maioria dos habitantes pertencem à religião católica, mas mantém forte apelo de ricas tradições mezoamericanas, há cerimônias sincréticas em torno da morte, que misturam o sagrado e o profano de uma maneira irônica, que pode ser considerado um deboche desse sentimento; a ironia, a brincadeira, o tratamento familiar e amistoso, respeito, temor e deboche, são formas de “exorcizar” a morte, tornando-a distante e ao mesmo tempo próxima. Esta forma de celebração remonta às culturas do México antigo.

De fato, a forma de celebrar o dia dos mortos encontra suas origens pré-hispânicas nas culturas indígenas. Há relatos de que os povos indígenas Astecas, Maias, Nahuatls e Totonecas praticavam o culto aos mortos. Os rituais que celebram a vida dos ancestrais se realizavam nestas civilizações pelo menos há três mil anos. Na era pré-hispânica era comum a prática de conservar os crânios como troféus, e mostrá-los durante os rituais que celebravam a morte e o renascimento.

A festa dos mortos era vinculada ao calendário agrícola pré-hispânico e realizada na época da colheita. Seria como o primeiro período de fartura, o primeiro banquete, depois da escassez dos meses anteriores. O catolicismo introduzido pelos espanhóis, não mudou o passado pré-hispânico; ao contrário, fomentou a forma religiosa de culto indígena aos mortos, criando um sincretismo religioso. Desde antes chegada dos Espanhóis, os povos indígenas acreditavam que a vida continuava após a morte, de fato, a vida mesma se alimentava da morte. Se para nós, cristãos, a morte é a passagem para a vida eterna, para os astecas a morte era a maneira de participar das forças criadoras dos deuses. Eles acreditavam que nem a vida, nem a morte, lhes pertencia, tudo era um capricho dos deuses (Gallego, 2007, p. 94).

A religião dos povos indígenas Maias e Astecas era politeísta, tendo os deuses uma base na natureza. Os deuses da morte estavam representados por meio de caveiras; de fato, a morte para estas culturas era identificada por medo da imagem da caveira. O

deus da morte dos Maias era representado pela imagem de um corpo humano esquelético. (Cf. Gómez, 2011, pp. 40-41).

Para os povos Mexicas, os que morressem poderiam ir para um dos três lugares nos quais se acreditava, dependendo da causa da morte. Se se morresse por enfermidade ia-se para um lugar sem luz e sem janelas, sem oportunidade de sair; se se morresse por afogamento ou por doenças contagiosas ia-se para o paraíso, onde havia muita comida e diversões; quando se morria em batalhas ou as mulheres morriam durante o parto, iam ao céu onde vive o Sol (Cabrero, 1995). As culturas pré-colombianas acreditavam na imortalidade da alma e na sua vida além-túmulo ao se desprender do corpo. Para eles, a morte não significava o fim da existência, mas uma mudança.

Os Maias enrolavam os corpos em panos e enchiam suas bocas de alimento para que na outra vida não lhes faltasse o que comer. Os corpos eram incinerados ou enterrados no fundo das casas ou em túmulos comuns. Os Astecas também incineravam ou enterravam seus mortos, embora as práticas dependessem do estrato social ao qual se pertencia. As pessoas eram enterradas com suas roupas e joias, as cinzas dos que eram incinerados eram depositadas em panelas (ou recipientes) de barro e nelas ficavam também as joias como propriedades do falecido. Outra tradição era de cantar, comer e beber durante o transcurso da cerimônia (De León, 2000).

Os missionários católicos durante a colonização espanhola, embora tentassem acabar com os costumes indígenas do culto aos mortos, apenas conseguiram modificar essas tradições e transferir o culto aos mortos para a data da festa cristã do dia de "todos os santos" e dos "fiéis defuntos", nos dias 01 e 02 de novembro de cada ano. A tradição da celebração dos mortos, entretanto, permaneceu mais ou menos igual aos costumes originais dos diversos povos indígenas. Assim, a população deu destaque à festa do dia dos mortos, sendo parte do imaginário e da cultura popular mexicana, passando a ser vivida de maneira sincrética, misturando culturas indígenas e catolicismo popular. Esta festa é parte da resistência indígena, das raízes nativas das culturas Asteca e Maia e outras, destruídas, em grande parte, pelos colonizadores espanhóis. Atualmente é a festa em que a morte invade a vida e a vida invade a morte, como dois movimentos do mesmo evento.

A representação icônica e irônica da morte

A representação icônica da morte no México foi desenvolvida, em grande parte, pelo gravurista José Guadalupe Posada¹, através do humor, afabilidade e até com certa afeição. Ele foi célebre por seus desenhos e gravuras sobre a morte. Foi este grande artista quem consolidou a festa do dia dos mortos, por suas interpretações da vida cotidiana e atitudes do mexicano, por meio de caveiras atuando como gente comum. Atualmente, para representar a morte, usa-se açúcar, lata, madeira, papel, argila e osso com os quais são confeccionados esqueletos e caveiras. Os esqueletos representando políticos e engraxates que participam lado a lado do equivalente moderno da dança medieval da morte (cf. Gallego, 2007). Vê-se que ironia e iconografia caminham juntas e “políticos e engraxates” como que representam polos sociais opostos de riqueza e privilégio irmanados e igualados, na dança macabra.



Uma das muitas representações da morte de Posada

No começo do século XX, como afirmamos anteriormente, o gravurista José Guadalupe Posada dedicou sua agilidade artística para representar a morte de maneira original; deu destaque especial à morte no imaginário da cultura popular mexicana. Ele começou a usar imagens de esqueletos que procuravam retratar as vaidades dos poderosos da época, juntamente com as das desigualdades sociais existentes. Fez muitas caricaturas da morte com conotações políticas, criando, assim, a tradição de criar caveiras no dia dos mortos, com o nome dos políticos e personagens da alta sociedade do momento; esta tradição continua até hoje, realizada de forma contínua, como modo de criticar, denunciar ou ridicularizar os políticos e os poderosos. Este jeito humorístico deu a possibilidade de representar e falar de morte de maneira irônica, rindo e brincando (Gómez, 2011, p. 45). Posada tinha ideias claras e progressistas, que manifestava ao desenhar caricaturas satíricas da morte. Na ironia da morte encontrou a maneira de

¹ José Guadalupe Posada nasceu em 1852 na cidade de Aguascalientes e morreu em 1913 na cidade do México. Foi um gravurista e cartunista mexicano que brincou com a morte.

desenvolver a crônica da vida mexicana de sofrimento do povo. Sua vasta produção gráfica, estimada em mais de vinte mil ilustrações, com extraordinária imaginação e grande sentido humorístico da morte.

Atualmente, no dia dos mortos se presenteiam os amigos e familiares com caveiras de açúcar, com os seus nomes escritos na frente da caveira, para recordar a todos que um dia todos morreremos, e seremos também parte da morte. Esta forma de celebrar o dia dos mortos é também uma maneira de conviver e preparar crianças e adultos para a dura realidade da morte, como parte inevitável da existência humana. Todo o folclore da morte nos mostra que no México os mortos não se vão totalmente, seguem sendo, no imaginário popular, personagens vivos e presentes de uma outra maneira. Assim a consciência da morte para a cultura mexicana passa a ser um "amigo" não distante e fruto da consciência humana:

A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É só “por experiência”, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo (Morin,1997, p. 61).

Esses e muitos outros conjuntos de ideias movem o homem num sentido positivo diante do fenômeno da morte, proporcionando qualidade de vida, cujo intuito é aproximar-se do mistério do “morrer”, mesmo sabendo que é indecifrável, porém com que o povo mexicano pode brincar.

A festa do dia dos mortos no México

A festa do dia dos mortos marca o calendário festivo da cultura popular do México. Esta festa é celebrada de maneira especial e única no mundo, nos dias 01 e 02 de novembro, conservando tradições regionais próprias das culturas tradicionais de cada lugar e família. Nesta data se recordam e se homenageiam todos os entes queridos que passaram para "outra vida". É uma devoção que mistura o sagrado e o profano, o medo

e a ironia. No dia dos mortos a morte é ridicularizada em charges, caveiras de açúcar com nomes, pão dos mortos², músicas, bebidas alcoólicas, entre muitas outras formas.

A celebração do dia dos mortos pode variar de região para região, mas tem uma estrutura parecida. Em todas as partes do território mexicano é uma festa popular, quando o povo, em seu imaginário, se diverte de maneira irônica com a morte. É uma festa muito colorida, celebrada com uma alegria irônica, com oferendas de comidas, flores, bebidas alcoólicas, incenso, velas. A celebração do dia dos mortos pode ser nos túmulos dos cemitérios ou nos altares aos mortos nas casas. Como foi dito anteriormente, não podem faltar as caveiras sorridentes de açúcar com nome das pessoas, o pão do morto, as bandeirinhas de papel colorido que decoram ruas e cemitérios para celebrar a vida que invade a morte. Nesse sentido, o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (2000), na obra *El laberinto de la soledad*, afirma: "O mexicano está familiarizado com a morte, brinca com ela, acaricia-a, dorme com ela, comemora-a...".

Nesta data, as Igrejas Católicas oferecem missas especiais para os defuntos; os cemitérios recebem visitantes das pessoas que levam flores e velas; no cinema encontramos filmes próprios para esta ocasião; as rádios tocam músicas e lendas especiais pelo dia dos mortos; a imprensa publica as tradicionais caveiras literárias; as famílias fazem em casa seus altares dos mortos; sem esquecer que as crianças pedem aos adultos sua caveira de açúcar. Essas manifestações culturais mostram que "a vida é a morte e que a morte é a vida" (Paz, 2000); em outras palavras, no México, neste dia, quem pensa a morte, celebra e pensa também a vida.

Para o mexicano, vida e morte não são antagônicos, mas um processo que ocorre durante o curso de vida do ser humano, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte. (Cf. Santos, 2003). Somos mortais, estamos feitos pelo tempo; porém, há maneiras de pensar que a morte não é o fim de tudo, mas o começo de uma nova realidade, que o povo mexicano apresenta através da cultura popular, ridicularizada na festa dos mortos. Para Otavio Paz (2000), "tudo funciona como se a morte não existisse". Por isso, no México moderno, a morte deixou de ser o trânsito para o além; agora é o seu amor mais permanente, seu brinquedo favorito.

Entre as tradições do dia dos mortos estão os altares de oferendas aos mortos. Eles são preparados nas casas das famílias e podem variar de região para região, mas com uma estrutura parecida. Eles iluminam a memória dos familiares e amigos que os

² É um pão doce enfeitado com diferentes figuras, desde simples formas redondas até crânios, adornados com figuras do mesmo pão em forma de osso polvilhado com açúcar.

falecidos deixaram. No altar se colocam as fotografias dos familiares e amigos falecidos com velas para cada alma, as flores sempre ocupando um lugar especial representando a brevidade da vida. O altar aos mortos é um dos ritos dos mais populares; este rito não é pensado com saudade ou nostalgia do ente querido que morreu, mas sempre transcorre num âmbito de alegria em que se misturam música com ironia. (cf. Gallego, 2007, p. 96).

Os cemitérios são visitados, principalmente no dia 02 de novembro de cada ano, dia dos mortos; aí se fazem grandes festas, inclusive com o consumo de álcool, bebida tanto para os mortos, quanto para os vivos. Os túmulos são adornados com papéis picados coloridos, flores e muitas homenagens que vão desde respeitosa velas a todo tipo de souvenir e decoração típica da festa, seja ela respeitosa ou totalmente satírica.

Também os túmulos são limpos e arrumados nos dias que antecedem o dia dos mortos; neste dia servem para serem usados na festa familiar com os mortos, o que pode até assustar aos mais conservadores.

Costuma-se visitar o cemitério e levar cestas para fazer piquenique, tequila para brindar pelos que partiram e até bandas de música típica como o "mariachi"³ que cantam homenageando os mortos e satirizando a morte. Algumas pessoas costumam deixar bebidas alcoólicas no panteão; elas acreditam que pela noite os mortos podem sair dos túmulos e beber tequila ou outras bebidas, junto com a comida que lhes foi ofertada pelos familiares. O dia dos mortos é um dia de festa e prazer; por isso é fundamental a música, a comida, as flores, as bebidas para alegrar essa data dos que partiram para outra vida (cf. Gallego, 2007, p. 97). Enfim, no dia dos mortos as pessoas levam a refeição para os mortos, quando pode se passar o dia lavando os túmulos e decorando-os com muitas flores. Lá se reza, se chora, se canta e, eventualmente, se embriaga, porque, afinal, a morte é um fenômeno inseparável da vida. A melhor forma de enfrentar a morte é rir e brincar com ela como parte da vida (Rodriguez, 2011).

A celebração da festa do dia dos mortos no México é vivida de uma maneira totalmente original, diferentemente da visão da modernidade, que criou o mito da vida e da juventude. A morte não é vista como um choque, como um sentimento traumático, como um vazio total, como afirma Edgar Morin:

³ O mariachi é um grupo artístico de música folclórica e típica popular mexicana, que na sua origem conjugava os ritmos nativos com as músicas vindas da Europa.

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática (Morin, 1997, p. 33).

A morte no México dá sentido à vida; porém, a vida tem dificuldades para aceitar e compreender a morte, mesmo sabendo que cada dia que passa vivemos e morremos um pouco. "Cada instante se vive e se morre. Todo mundo sabe que esse caminho é inevitável" (Gómez, 2011, p. 40). Mesmo tendo consciência da realidade da morte, na modernidade a inquietação diante da morte segue presente; isso leva a termos crenças, mitos e tradições em torno dela; gostaríamos de sermos eternos neste mundo, mas sabemos que é impossível.

É normal que uma pessoa, "ao ver o processo de envelhecer que o ser humano, rejeitando a morte como rejeitada, recusando-a com todas as suas forças, tende a rejeitar também a velhice" (Santos, 2003). Para Edgar Morin (1997, p. 320), a velhice e a morte estão inscritas na herança genética humana e que são "coisas normais e naturais, porque uma e outra são universais e não sofrem qualquer exceção entre os mortais". Esta dura realidade é rejeitada pela humanidade, por ser cruel e não ceder espaço para qualquer alternativa diferente do envelhecimento e da finitude. Talvez, por isso, no imaginário da cultura popular mexicana se brinque e se divirta com a morte, fazendo com que o sentimento que poderia ser de dor, saudade e tristeza pela perda de um ente querido, transforme-se em ironia e deboche.

Considerações finais

Somos seres mortais por sermos feitos de tempo e de história, porém a modernidade criou o mito da vida e da juventude vendo a morte e a velhice como um fracasso da ciência. Não podemos negar, porém, que a vida e a morte são companheiras inseparáveis. Diante da morte que concerne a todos, a cultura mexicana a comemora, com todas as pessoas divertindo-se com ironia, numa mistura do sagrado e do profano, em um sincretismo religioso que alia, às tradições religiosas cristãs, também as indígenas.

O imaginário popular da cultura mexicana vê a morte de maneira diferente daquela da cultura da modernidade, que criou o mito da vida e da juventude e não aceita a velhice e a morte. O sofrimento e a dor continuam sendo um tabu, a educação que recebemos é para fugir destas situações, quando enfrentamos esta realidade, procuramos explicações às vezes absurdas, dificilmente pensamos que elas fazem parte da vida.

Esquecemos que ao nascermos passaremos por momentos de alegrias e tristezas, saúde e de doença, de sofrimento e de conforto, até o dia em que morreremos. Sabe-se que se vive na espera da morte, por que se a morte não tem sentido, também a vida não faz sentido. A filosofia do mundo moderno quer suprimir a morte, a dor, o envelhecimento; a cultura popular mexicana parece ir ao arrepio dessa forma de modernidade, dado que ensina que a morte persiste, que os mortos não morreram totalmente, mas continuam vivos na memória dos vivos e no imaginário popular.

O sentimento da morte, que poderia ser de dor, tristeza e perda, transforma-se, nessa perspectiva, em motivo de festa, de maneira especial o dia dos mortos. Os limites da vida podem também nos ajudar aceitar a morte de maneira natural, como parte da vida. A morte é uma fase de um ciclo infinito. A festa do dia dos mortos pode ser vista como um modo de preparar continuamente crianças e adultos para a dura realidade da morte, sabendo que esta é parte inevitável da existência humana.

Referências

- Cabrero, M. (1995). *La muerte en el occidente del México prehispánico*. México: UNAM.
- De León, J.L. (2000). *La muerte, su imaginario y la historia de las religiones*. España: Universidad de Deusto Bilbao.
- Gallego, M. (2007). *José Guadalupe Posada, la muerte y la cultura popular mexicana*. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. Buenos Aires (Argentina): Universidad de Buenos Aires.
- Gómez-Gutiérrez, J. (2011, sept.-dic.). La Reacción ante la Muerte en la Cultura del Mexicano Actual. *Investigación y Saberes*, 1(1), 39-48.
- Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. Rio de Janeiro (RJ): Imago.
- Paz, O. (2000). *El laberinto de la soledad*. México: Fondo de cultura económica.
- Rodríguez, J.L. (2011). Visión de la Muerte en la Cultura Mexicana. Recuperado em 02 setembro, 2012, de: <http://www.contactomagazine.com/mexmuerte.htm>.

Santos, S.S.C. (2003). Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin. *Textos Envelhecimento*,6(2). Rio de Janeiro (RJ). Recuperado em 01 agosto, 2012, de: <http://www2.scielo.org.br/scielo.php>.

Recebido em 10/08/2012

Aceito em 20/08/2012

Rafael Lopez Villasenor - Mexicano, Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP.

E-mail: rafamx@uol.com.br.

Maria Helena Villas Bôas Concone – Antropóloga. Docente, Pesquisadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e em Ciências Sociais/PUC-SP.

E-mail: trconcone@yahoo.com.br